

O ADVENTO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Everton Lourenço da Silva¹

everton_lourenco@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta o modelo da Morfologia Distribuída. Analisamos suas diferenças em relação à visão lexicalista. Mostramos as principais características dessa abordagem: inserção tardia, subespecificação e estrutura sintática hierarquizada *all the way down*. Apresentamos, ainda, algumas possíveis vantagens da Morfologia Distribuída.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Distribuída; Gramática Gerativa; teoria linguística.

INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento, em meados da década de 1950, a corrente de estudos linguísticos que ficou conhecida como Gramática Gerativa vem representando avanço para a compreensão da faculdade da linguagem.

O modelo de gramática proposto para explicar o funcionamento dessa faculdade sofreu várias mudanças e reformulações ao longo dos anos, sendo criados alguns ramos dentro da teoria gerativa. Neste artigo, vamos tratar do aparecimento da Morfologia Distribuída (MD), vertente da gramática gerativa que, a partir dos anos 90 (Halle & Marantz, 1993, 1994; Marantz, 1997; Harley & Noyer, 1999), surge como proposta contrária ao lexicalismo (Chomsky, 1970). A visão lexicalista ainda é a dominante, perdurando em fases posteriores da teoria gerativa, como em Chomsky (1995). A partir dessa comparação, podemos perceber as vantagens que a abordagem da MD apresenta em relação ao lexicalismo.

Na tradição gerativa, em função da focalização dos processos sintáticos, não se observou no início uma preocupação grande com fenômenos morfológicos enquanto tais².

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestrando no programa de Pós-Graduação em Linguística. Este artigo foi desenvolvido como avaliação final da disciplina *Evolução do Pensamento Linguístico*, ministrada pela Prof. Maria Carlota Rosa no segundo semestre de 2009 no Mestrado em Linguística da UFRJ. Agradecimentos às professoras Maria Carlota Rosa e Miriam Lemle e aos colegas de turma pelos debates e sugestões.

² Basílio (2004).

Nesse período, a derivação das palavras era operada por transformações. Daí, a teoria ser chamada, nessa época, de transformacionalista.

Com o tempo, foram surgindo estudos voltados para o léxico e a formação das palavras. Contudo, a posição lexicalista manteve a visão, comum nos estudos linguísticos, na qual se vê a estruturação de palavras e a estruturação de sentenças como processos distintos.

No modelo da Morfologia Distribuída, o mecanismo gerador é o mesmo para palavras e sentenças. Não há um léxico separado da sintaxe. A partir dessa mudança de ponto de vista, a formação das palavras ganha um novo destaque na teoria.

Na seção 1, trataremos da vertente lexicalista, tentando apresentar um panorama de como a morfologia foi encarada na teoria gerativa. Na seção 2, apresentaremos o modelo da Morfologia Distribuída e suas diferenças em relação ao lexicalismo. Na seção 3, apresentaremos algumas vantagens que a Morfologia Distribuída apresenta. Na seção 4, trataremos as considerações finais.

1. A HIPÓTESE LEXICALISTA

A abordagem lexicalista entende que a criança, durante a aquisição da linguagem, forma um léxico mental composto por vocábulos que possuem traços formais, semânticos e fonológicos. Esse léxico fica em constante expansão mesmo após o estágio estacionário, que é o estágio da aquisição da linguagem em que o falante adquiriu uma gramática adulta.

Os vocábulos armazenados no léxico são o *input* da sintaxe, sendo extraídas já com sua especificação categorial. Sendo assim, esse modelo prevê duas computações distintas: uma para gerar palavras, outra para gerar sentenças. Essas computações ocorrem, respectivamente, dentro do léxico e fora do léxico (sintaxe).

A sintaxe opera apenas com palavras que já saem prontas do léxico. Tais palavras são selecionadas pelo processo de *Numeration*, que forma um subconjunto do léxico, cujos vocábulos são os que serão empregados na sentença. Na *Numeration* são retirados do léxico também traços formais.

Os elementos da *Numeration* são computados, sofrendo operações sintáticas como juntar (*merge*) e mover (*move*). A estrutura da sentença vai se construindo à medida que os elementos são concatenados.

Após a derivação, a estrutura passa às interfaces da *Forma Fonológica* (FF) e da *Forma Lógica* (FL), por meio da operação de *Spell-out*. Essas interfaces leem a estrutura, e,

se seus traços forem interpretáveis, a derivação converge; caso os traços não sejam interpretáveis, a derivação fracassa³.

2. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A MD surge nos anos 1990, apresentando uma arquitetura da gramática diferente da que se utilizava na Gramática Gerativa. Diferente do lexicalismo, esse modelo não apresenta duas computações, uma interna ao léxico e outra externa. No modelo da MD a computação sintática não opera somente com palavras extraídas do léxico, mas opera com traços abstratos, que são concatenados para formar palavras. Sendo assim, o *input* da sintaxe são esses traços e não unidades lexicais.

A natureza diferente dos elementos que são *input* da sintaxe decorre duma radical divergência na arquitetura da gramática proposta pelos modelos cotejados. Na MD não há um léxico onde as palavras ficam armazenadas e de onde são extraídas por *Numeration*. Essa visão advém do entendimento de que as palavras são formadas pela mesma computação sintática que gera sentenças. Para tal, traços abstratos sofrem operações sintáticas como juntar⁴ e mover⁵, gerando unidades lexicais que sofrem as mesmas operações, gerando, por sua vez, sentenças.

Apesar de haver apenas um lugar para a computação sintática, a MD difere da postura tranfomacionalista, uma vez que não dá espaço às transformações que essa abordagem postulava. A MD opera apenas com o movimento, assim como ocorre no lexicalismo.

Para suprir a falta do léxico é postulada a existência de três módulos que comportam as informações utilizadas para gerar um vocábulo. Esses módulos são chamados de *listas*. A primeira dessas listas (Lista 1) armazena traços abstratos sem substância fônica, tais como nominalizador, verbalizador, adjetivador, tempo, número, pessoa, etc. Além desses traços, há também *posições ocas*, onde as raízes são inseridas. A segunda lista (Lista 2) armazena os chamados itens (ou peças) de vocabulário (prefixos, sufixos, marcas de concordância). Nessa lista está a informação fonológica ausente nos traços da Lista 1. A Lista 3 (Enciclopédia) armazena o conhecimento não linguístico do falante, isto é, o significado que uma palavra

³ Os traços não interpretáveis são checados e eliminados durante a derivação. Para uma discussão maior da noção de checagem, ver Chomsky (1995).

⁴ Juntar (*merge*) é uma operação que liga elementos formando uma estrutura sintática. Essa é a única operação gerativa.

⁵ Mover (*move*) é uma operação que permite que elementos se desloquem na estrutura sintática.

recebe por convenção.

A derivação nesse modelo ocorre por fases. Primeiramente ocorre a seleção de traços abstratos da Lista 1. Esses traços passam pela operação juntar (*merge*), única operação gerativa. Ao serem concatenados, os traços dão origem a uma estrutura sintática. Como a computação dos traços abstratos se dá por fases, cada fase se inicia com a concatenação de um novo traço à estrutura formada pela fase anterior. Uma fase termina com *Spell-out*, ponto onde a estrutura sintática formada por *merge* recebe substância fônica e interpretação semântica.

Quando a derivação chega ao ponto de *Spell-out*, os itens de vocabulário são inseridos na estrutura de traços gerada pela computação sintática. Assim, essa estrutura de traços recebe substância fônica. Essa operação é chamada de *Inserção Lexical*. Vemos, aqui, uma diferença nuclear entre esse modelo e o lexicalismo: na MD a Inserção Lexical é tardia, ou seja, pós-sintática.

Após a Inserção Lexical, ocorrem operações morfológicas e fonológicas que atuam sobre as peças de vocabulário inseridas na estrutura sintática. Dessa forma, traços morfológicos podem ser deslocados ou copiados, por exemplo. Também após a Inserção Lexical, ocorre o envio dos traços juntados para o módulo semântico, onde serão interpretados.

No módulo semântico, o vocábulo formado é lido e interpretado. Há dois tipos de leitura que o módulo semântico realiza. A primeira delas é a leitura dada à junção da raiz com o seu primeiro traço categorizador⁶. A essa estrutura é dada uma leitura idiossincrática fornecida pela Enciclopédia (Lista 3), uma vez que é nesse componente que se encontra a parte convencionada da leitura semântica⁷. É, portanto, na junção da raiz com o primeiro traço categorizador o ponto onde se dá a negociação do significado, ou seja, é aí que ocorre a arbitrariedade saussuriana.

Uma vez feita a leitura arbitrária da estrutura sintática [raiz + categorizador], os próximos categorizadores concatenados não geram novos compostos com leitura idiossincrática. A partir da junção do segundo categorizador, a leitura se processa composicionalmente. Essa leitura é feita pela Forma Lógica, através da interpretação da parte regular do vocábulo. Dessa forma, como diz Lemle (2005: 8-9), “com a conexão da leitura idiossincrática proveniente da Enciclopédia com as leituras dadas na Forma Lógica, fase a

⁶ Os traços categorizadores são aqueles que, ao se juntarem à raiz, podem criar verbos, nomes ou adjetivos. Assim, esses traços são chamados, respectivamente, de verbalizador (v), nominalizador (n) e adjetivador (a).

⁷ Lemle (2005:8).

fase, se realiza a integração entre a informação idiossincrática dada pela Enciclopédia e a interpretação regular com que a Forma Lógica lê a cadeia sintática”. Podemos representar a arquitetura da gramática postulada pelo modelo da MD com o seguinte esquema⁸:

(1)

Morfologia Distribuída

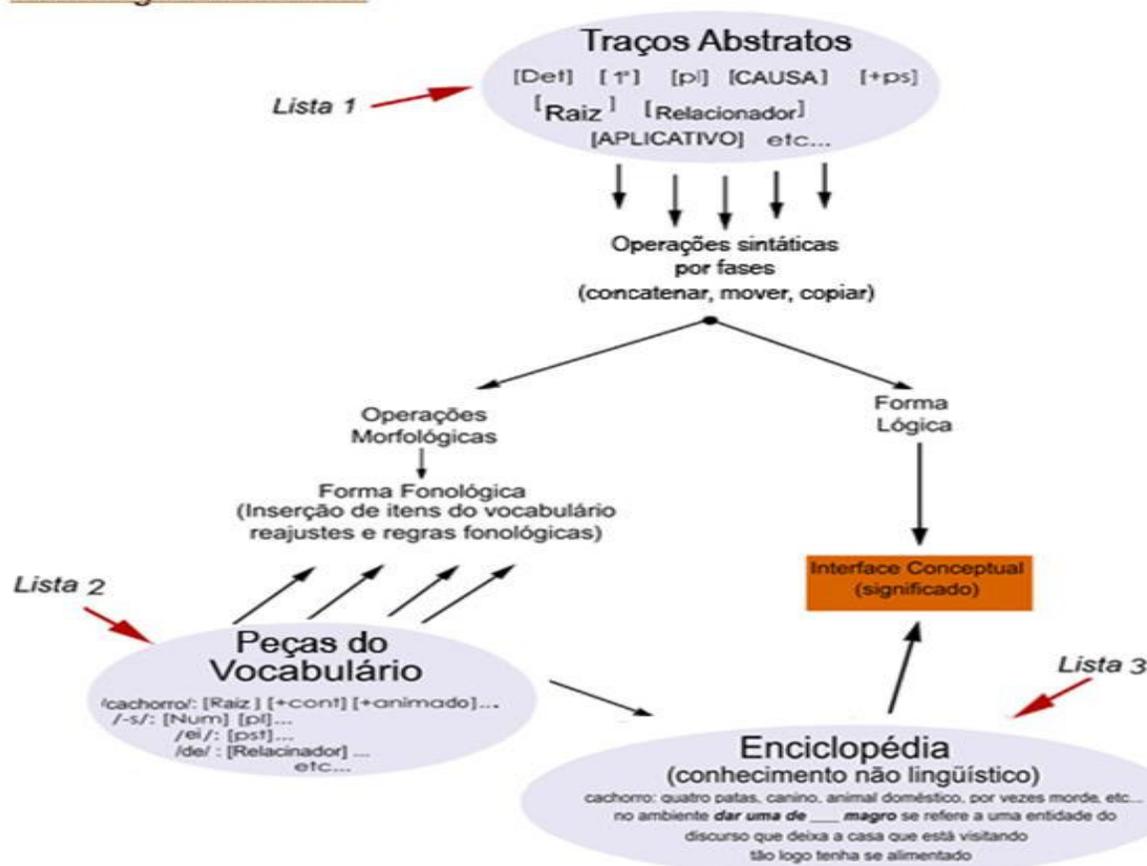


Figura 1: Modelo da Morfologia Distribuída

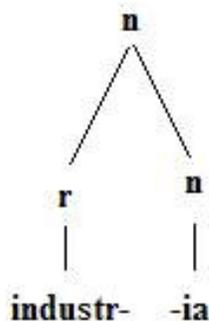
Para exemplificar a derivação que gera vocábulos, pensemos na palavra *industrialização*, que significa o ato de industrializar, isto é, tornar algo industrial. Para que essa palavra seja formada, primeiramente são providos pela Lista 1 uma posição oca e um traço abstrato. Essa posição oca é a que receberá a raiz, e o traço abstrato é um traço categorizador (no caso, um nominalizador). Esses constituintes são concatenados, e a estrutura [raiz + nominalizador] receberá, após *Spell-out*, os Itens de Vocabulário. Assim, a posição oca será preenchida pela raiz *industr-* e no nominalizador será inserido o item de

⁸ Traduzido e adaptado de Harley & Noyer (1999).

vocabulário *-ia*, sendo formada a palavra *indústria*. Após a inserção dos Itens de Vocabulário, a estrutura [raiz + nominalizador] recebe uma interpretação idiossincrática na Enciclopédia: *indústria* é o conjunto das atividades que visam a manipulação e transformação de matérias-primas para a produção de bens de consumo. Uma nova fase será iniciada com a concatenação de mais um traço abstrato, dessa vez um adjetivador. Esse traço recebe o item de vocabulário *-al*, formando-se assim a palavra *industrial* (aquilo que é relativo à indústria). Em forma lógica é interpretado composicionalmente o significado desse vocábulo, somando-se a contribuição desse novo categorizador ao sentido arbitrário dado pela Enciclopédia ao composto [raiz + categorizador]. Numa outra fase, cujo processo é semelhante ao da fase anterior, é inserido o verbalizador *-izar*, gerando a palavra *industrializar* (tornar industrial). E, por fim, na última fase é inserido o nominalizador *-ção*, gerando a palavra *industrialização* (ato de industrializar). Vemos, então, que o significado arbitrário está apenas na estrutura [industr- + -ia], ou seja, na junção da raiz com seu primeiro traço categorizador. A partir daí, os traços categorizados subsequentes não geram significados arbitrários, mas composicionais. Essa derivação pode ser representada num esquema arbóreo como o de (2 a-d)⁹:

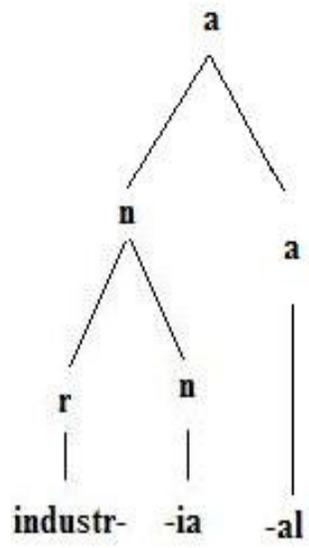
(2)

(a)

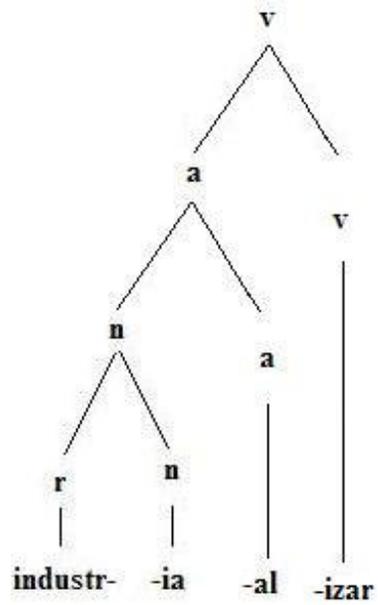


⁹ No esquema, os rótulos *n*, *r*, *a* e *v* significam, respectivamente, *nominalizador*, *raiz*, *adjetivador* e *verbalizador*.

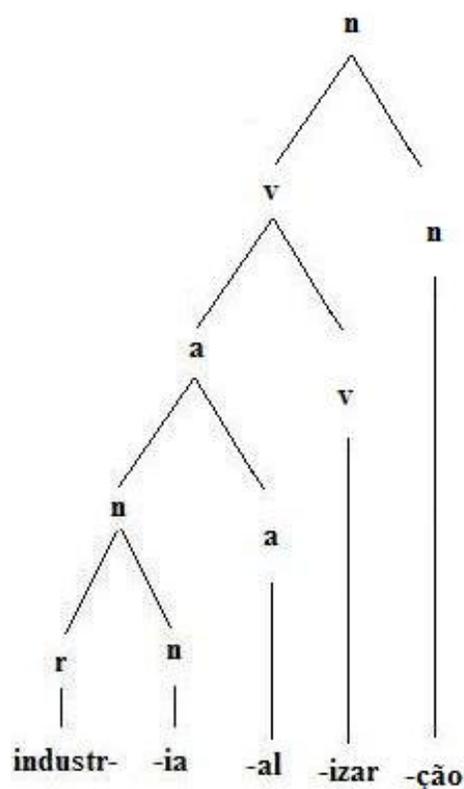
(b)



(c)



(d)



Para demonstrar como é regular o processo que formou a palavra *industrialização*, Lemle (2008) apresenta algumas séries de palavras

(3)

nação, nacional, nacionalizar, nacionalização;

nome, nominal, nominalizar, nominalização;

fim, final, finalizar, finalização;

América, americano, americanizar, americanização;

Cristo, cristão, cristanizar, cristanização;

urbe, urbano, urbanizar, urbanização;

paz, pacífico, pacificar, pacificação;

prole, prolífico, proliferar, proliferação;

espécie, específico, especificar, especificação.

Nessas séries, o processo segue sempre o mesmo percurso de (2), mostrando que a derivação pode ser bastante regular. Para entender ainda melhor esse processo, vamos

observar mais de perto cada um dos módulos da gramática.

2.1 LISTA 1

Esse módulo é o que há de mais semelhante ao léxico minimalista, uma vez que é o componente que cede o *input* da sintaxe. Os traços sintático-semânticos armazenados nessa lista não possuem substância fonológica. Essa propriedade traz uma diferença central entre MD e minimalismo, como afirma Lemle (2005:06):

A diferença crucial entre a teoria da Morfologia Distribuída (MS) e as teorias lexicalistas é esta: na MD os traços sintático-semântico que entram na computação sintática não são acoplados desde o início com traços fonológicos, ao passo que nas teorias lexicalistas as unidades lexicais que são o *input* da sintaxe são dotadas de traços fonológicos, traços semânticos e traços formais desde o início da derivação.

Baseada nessa propriedade dos traços da Lista 1 está uma das mais importantes características do modelo que é a *inserção tardia*, da qual trataremos mais adiante. Feita essa separação dos traços sintático-semânticos e dos traços fonológicos, é preciso que se defina o conceito de *morfema*. No modelo da MD, como em Harley & Noyer (1999), o termo *morfema* é empregado para referir-se a um nó sintático (ou morfológico) terminal, que é um traço de Lista 1, ou seja, o morfema é uma representação morfossintática *atômica*. Assim, a contraparte fonológica entra apenas após *Spell-out*, quando a estrutura sintática de traços chega à Lista 2.

2.2 LISTA 2

À Lista 2 compete o armazenamento das peças de vocabulário. Essas peças trazem em si a informação fonológica a ser inserida nos traços concatenados na sintaxe. As peças de vocabulário também carregam informação a respeito de onde podem ser inseridas. A Lista 2, portanto, é o conjunto dos itens com traços fonológicos que uma língua dispõe para expressar os morfemas.

Existem dois tipos de peças de vocabulário: raízes e peças funcionais. As raízes implementam as posições ocas. As peças funcionais são inseridas nos traços abstratos. Quando uma estrutura sintática contendo raiz e morfemas chega à Lista 2, ocorre uma competição pela inserção dos itens de vocabulário. O vencedor dessa competição é aquela

peça que tiver os traços sintáticos e semânticos (ou parte deles) iguais aos da estrutura sintática a ser preenchida.

Harley & Noyer (1998, 1999) apresentam as noções de *morfema funcional* (*f-morpheme*) e *morfema lexical* (*l-morpheme*). A distinção entre esses dois tipos de morfema reside na forma com que são preenchidos pelas peças de vocabulário. Para um morfema funcional, no momento da inserção vocabular, “não há escolha”, ou seja, o conteúdo de um morfema lexical provê uma única expressão possível. Esses morfemas expressam propriedades gramaticais, constituindo uma classe fechada. Em contraparte, os morfemas lexicais são uma classe aberta, cuja inserção vocabular não é determinística. Sendo assim, um morfema lexical alocado numa posição sintática própria de nome pode ser preenchido por qualquer item vocabular de sua classe. Isso ocorre porque os morfemas lexicais são acategoriais. Esses morfemas são aqueles que preenchem as posições ocas, isto é, são os que realizam as raízes. A relação entre morfema funcional e morfema lexical pode ser resumida nas palavras de Harley & Noyer (1999:7):

Specifically, the different ‘parts of speech’ can be defined as a single l-morpheme, or Root (to adopt the terminology of Pesetsky 1995), in certain local relations with categorydefining f-morphemes. For example, a ‘noun’ or a ‘nominalization’ is a Root whose nearest c-commanding f-morpheme (or licenser) is a Determiner, a ‘verb’ is a Root whose nearest c-commanding f-morphemes are v, Aspect and Tense (...). Thus, the same Vocabulary Item may appear in different morphological categories depending on the syntactic context that the item’s l-morpheme (or *Root*) appears in.

2.3 LISTA 3 (ENCICLOPÉDIA)

Esse módulo comporta o conhecimento extralinguístico do falante, atribuindo um significado idiossincrático à estrutura sintática [raiz + categorizador] que é por ela lida. Entre os significados arbitrários contidos na Enciclopédia estão os responsáveis pela interpretação de expressões idiomáticas. Na terminologia da MD, chamam-se *idioms* as expressões (mesmo que seja só uma palavra ou parte dela) que possuem um significado não previsível através de sua estrutura morfossintática¹⁰. Assim, palavras como *mesa*, *quarto*, *homem* ou expressões como *chover canivete* ou *chutar o balde* são *idioms*, cujo significado está armazenado na Enciclopédia.

Que palavras formadas pela junção da raiz e do primeiro morfema categorizador têm sentido arbitrário alocado na Lista 3 já se demonstrou neste artigo. Mas como são

¹⁰ Harley & Noyer (1999).

interpretadas as expressões idiomáticas? A resposta está nas informações que esse componente tem sobre as raízes. Uma raiz como a do verbo *chutar* tem na enciclopédia a informação de que num contexto onde seu complemento é *o balde*, será interpretada como *desistir*.

É importante notar ainda as restrições observadas por Marantz (1984, 1997) de que o argumento externo agentivo não está incluído no *idiom*. Isso ocorre porque esse argumento é projetado por um *v* (vezinho) separado e não por uma raiz, logo tal argumento não está previsto na Enciclopédia.

2.4 INSERÇÃO TARDIA, SUBESPECIFICAÇÃO E ESTRUTURA SINTÁTICA HIERARQUIZADA ALL THE WAY DOWN

A MD possui três propriedades fundamentais que a diferenciam de outras teorias morfológicas: a Inserção Tardia, a Subespecificação e a Estrutura Sintática Hierarquizada All the way down. Vamos apresentar essas propriedades como são vistas em Halle & Marantz (1994).

No lexicalismo, os itens entram na computação formados, ou seja, com a estrutura interna pronta (fechada às operações sintáticas) e com conteúdo fonológico. Na MD, esses itens são abstratos, sem traços fonológicos. São, portanto, itens ainda a serem formados, disponíveis, portanto, para as operações sintáticas. Somente após essas operações há a inserção de substância fônica, através da entrada dos *Itens de Vocabulário* na estrutura sintática. A parte fonológica é inserida tardiamente, caracterizando a propriedade da *Inserção Tardia*, que é uma visão separacionista da derivação sintática.

A *Subespecificação* diz respeito à propriedade de as expressões fonológicas não precisarem ser plenamente especificadas para serem inseridas nos nós terminais da derivação sintática. Isso significa que os Itens de Vocabulário possuem alguma tipo de especificação, possuindo informações (traços sintáticos, morfológicos e semânticos) utilizadas para sua inserção nos nós resultantes das operações sintáticas. Além disso, um nó sintático pode possuir mais informação do que aquela que contém o Item de Vocabulário a ser inserido ali, o que faz esses itens serem *subespecificados*.

Já ter *estruturas sintática hierarquizada all the way down* significa os itens de Vocabulário serão inseridos em nós terminais que se arranjam em estruturas hierárquicas estabelecidas pela sintaxe. Em outras palavras, a sintaxe opera em níveis mais baixos do que postula a visão lexicalista. Na MD a sintaxe opera traços abstratos atômicos e não palavras

constituídas. Assim, ao falarmos em *all the way down*, nos referimos à propriedade de as estruturas hierarquizadas geradas pela sintaxe não excluírem as palavras, que são também estruturas sintáticas hierarquizadas.

3. AS VANTAGENS DA MD

Baseando-nos nas diferenças entre o modelo da MD e os modelos lexicalistas, podemos apontar algumas vantagens daquele em relação a estes.

Primeiramente, MD aceita a hipótese modularista forte, ou seja, a ideia de que a mente é dividida em módulos cognitivos que são divididos em submódulos que se interrelacionam. A linguagem seria um desses módulos compostos de submódulos. Contudo, na MD a modularidade é levada mais a fundo, uma vez que o número de submódulos postulados para o sistema linguístico é maior do que em outras abordagens, tornando-os ainda mais especializados, com constituintes mais atômicos. Essa concepção é vantajosa na medida em que se aproxima do que se mostra uma tendência geral nas ciências cognitivas em geral, ou seja, a visão de que os sistemas cognitivos são formados por submódulos que se interrelacionam de modo que o *output* de um é o *input* de outro.

Outra vantagem é que o modelo consegue dar conta da aparição de um mesmo item de vocabulário em diferentes contextos sintáticos, através da propriedade de *subespecificação*. Como um item de vocabulário é subespecificado, ele pode ser inserido em diversas estruturas sintáticas distintas, caso não haja outro item mais específico que ele. Um exemplo disso pode ser o item /d/ que realiza os participípios. Ele é inserido em estruturas onde o participípio participa de uma perífrase verbal (em tempos perfeitos compostos), ou em sentenças na voz passiva, ou com o participípio funcionando como adjetivo¹¹. Nesses três contextos distintos o mesmo item é inserido, participando de estruturas sintáticas distintas.

Podemos ainda apontar a contribuição da MD para a análise de dados de mudança diacrônica, como, por exemplo, a reanálise morfológicas que algumas palavras sofrem com o tempo. Sabe-se que as novas gerações de falantes podem reanalisar uma determinada palavra e segmentá-la de forma diferente da geração anterior. Essas mudanças, num modelo como o da MD são mais claramente interpretadas. Podemos citar o caso da reinterpretação de participípios passados como raízes¹².

¹¹ Para uma discussão da importância da subespecificação na formação de participípios, ver Medeiros (2008).

¹² Para uma discussão do tema, ver Pederneira & Lemle (2009).

Os verbos *receitar* e *receber* são bastante distintos em seu significados na sincronia, mas são parentes etimológicos. Ambos derivam do verbo latino *capere* (apanhar, tomar nas mãos). *Receber* é derivado do radical de *perfectum* (cep-), acrescido do prefixo *re-*: [re- + cep- + er]¹³. Já o verbo *receitar* deriva do particípio passado de *capere*. Como a marca de particípio passado em latim é *-t-*, temos a seguinte formação para *receitar*: [re- + cep- + -t- + -ar]¹⁴. Com o tempo, as novas gerações foram interpretando o elemento *-t-* como integrante da raiz, gerando raízes distintas para *receber* e *receitar*. Com visão da MD de que a arbitrariedade do signo reside na junção do primeiro categorizador à raiz, podemos explicar a diferença de sentido tão grande entre verbos cuja origem é a mesma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como propósito apresentar o modelo da Morfologia Distribuída, apresentando suas diferenças em relação ao lexicalismo. Com essa comparação, pudemos ver aquilo que a MD traz de vantagem em relação ao lexicalismo.

Assim, vimos que, diferentemente de outros modelos, a MD opera com listas que armazenam, cada uma delas, informações diferentes. Dessa forma, não há um léxico, onde as palavras são geradas. Assim, não há duas computações distintas, mas apenas uma geradora de palavras e sentenças. A palavra deixa de ser a unidade mínima de análise, dando lugar a unidades abstratas menores desprovidas de substância fônica.

Vimos as vantagens que o modelo apresenta. Na MD a modularidade é ainda mais diminuta, com mais submódulos altamente específicos. A noção de subespecificação é rica em apresentar explicações para o fenômeno da inserção de um mesmo item de vocabulário em estruturas sintáticas distintas. Além disso, há ainda a possibilidade de explicação da reanálise de palavras ao longo das sucessivas gerações de falantes.

Sendo assim, pudemos mostrar quais as características básicas desse modelo que se apresenta como uma alternativa à visão dominante na linguística gerativa. Alternativa que dá à sintaxe um papel ainda mais importante, uma vez que é a computação única geradora de elementos linguísticos.

¹³ Por estar entre duas vogais, a consoante surda /p/ sonoriza-se, passando a /b/.

¹⁴ Ocorrem na formação dessa palavra dois processos fonológicos: ditongação do /e/, que passa a /ei/, e assimilação do /p/ ao /t/.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BASILIO, Margarida. Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.
2. ----- . Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 2004.
3. CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. and ROSENBAUM, P. (org.). Readings in English transformational grammar, 184-221. Waltham, MA: Blaisdell, 1970.
4. ----- . The Minimalist program. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
5. HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge: MIT Press, pp. 111-176, 1993.
6. ----- . “Some key features of Distributed Morphology”. *MIT Working Papers in Linguistics, vol. 21: Papers on phonology and morphology*, Andrew Carnie and Heidi Harley eds. MITWPL, Cambridge, p. 275-288, 1994.
7. HARLEY, H. & NOYER, R. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, Vocabulary Items and Encyclopedia. MITWPL 32: Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect. HARLEY, H. (org.). Cambridge: MITWPL. Pp 119-137, 1998.
8. ----- . State-of-the-Article: Distributed Morphology. State-of-the-Article: Distributed Morphology. *GLOT. Pennsylvania*, v. 4 n.4. pp. 3-9. 1999.
9. LEMLE, Miriam. Mudanças sintáticas e sufixos latinos. *Linguística*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp. 5-44, 2005.
10. ----- . Arbitrariedade Saussureana, saltos e sobressaltos. MS, palestra no Grupo de Trabalho Teoria da Gramática, ANPOLL Goiânia, 2008.
11. MARANTZ, Alec. On the nature of grammatical relations. Cambridge: MIT Press, 1984.
12. ----- . “No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon”. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, A. Dimitriadis, L. Siegel et al., eds., v. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, pp. 201-225, 1997.
13. MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais. Tese de Doutorado em linguística, UFRJ, 2008.

14. PEDERNEIRA, Isabella Lopes; LEMLE, Miriam. Como criamos palavras novas: considerações sobre dois processos de reanálise. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009.

RESUMO: Este trabalho apresenta o modelo da Morfologia Distribuída. Analisamos suas diferenças em relação à visão lexicalista. Mostramos as principais características dessa abordagem: inserção tardia, subespecificação e estrutura sintática hierarquizada *all the way down*. Apresentamos, ainda, algumas possíveis vantagens da Morfologia Distribuída.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Distribuída; Gramática Gerativa; teoria linguística.

ABSTRACT: This paper presents the model of Distributed Morphology. We analyzed its differences in relation to the lexicalism. We show the main characteristics of this approach: late insertion, underspecification and hierarchical syntactic structure all the way down. We present also some possible advantages of Distributed Morphology.

KEYWORDS: Distributed Morphology, Generative Grammar, Linguistic theory.

RESUMEN: Este trabajo presenta el modelo de la Morfología Distribuída. Analizamos sus diferencias en relación a la visión lexicalista. Mostramos las principales características de ese abordaje: inserción tardía, subespecificación y estructura sintáctica jerarquizada *all the way down*. Presentamos también algunas posibles ventajas de la Morfología Distribuida.

PALABRAS CLAVE: Morfología Distribuida; Gramática Generativa; Teoría lingüística.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 05 de março de 2010.